

A “UNIÃO” DE VIRGINIA WOOLF: DE ANJOS A MULHERES LIVRES

Profissões para mulheres e outros artigos feministas, de Virginia Woolf
WOLF, Virginia. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: LPM, 2013.

A breve coleção de ensaios *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, de Virginia Woolf, conta com sete ensaios da autora, os quais foram reunidos e traduzidos para esta edição, em língua portuguesa, de 2012, organizada pela LP&M Pocket. Trata-se de um livro que introduz com sensibilidade e clareza algumas das idéias que a autora explora em sua obra de 1929, *Um teto todo seu*, e que é, a propósito, uma interessante leitura a se fazer antes de adentrar as reflexões do referido livro. A coleção que discutimos traz uma variedade de textos curtos como: um discurso de Woolf lido para a Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres, uma introdução a um livro organizado pela Cooperativa de Trabalhadoras, críticas acerca de livros escritos sobre a escrita de autoria feminina, um artigo que nos apresenta a atriz Ellen Terry (que atuou em diversas peças shakespearianas na Inglaterra), e até mesmo uma troca de cartas entre Woolf e Desmond MacCarthy, crítico que defende um livro de Arnold Bennett, intitulado *Nossas mulheres: capítulos sobre a discórdia entre os sexos*, onde Bennet propunha que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens.

Mesmo ao discorrer sobre os temas mais áridos, Woolf ousa, apresenta linhas opiniosas nada escusas e marca os textos com sua peculiar poética. A veia cronista da autora é cativante e historicamente marcante. Em seus textos, Woolf nos apresenta às mulheres do seu tempo, assim como faz um resgate de suas predecessoras na escrita de autoria feminina. A autora também nos apresenta às mulheres trabalhadoras e criadoras da União das Mulheres, figuras que podem ser vistas como comuns, mas que tiveram grande influência na organização trabalhista das mulheres, e nas discussões sobre melhorias nas condições de trabalho, além de nos mostrar que ali se iniciam conversas conjuntas acerca da educação,

reflexão sobre os impostos e direitos trabalhistas visando a melhoria da vida de toda a população.

O fio condutor dos ensaios presentes no volume, são as questões que giram em torno da educação para mulheres e das mulheres trabalhadoras naquele início de século XX, ainda tão influenciado pelo fim do século XIX. O discurso que abre o livro foi proferido em 1931 para a Sociedade de Apoio às Mulheres, e trata de profissões para elas. Woolf abre o texto falando sobre sua própria profissão, que define como sendo “literatura”. Essa sutil colocação direciona muito da nossa percepção acerca de Woolf, que não se define simplesmente como escritora, mas que tem a própria literatura como profissão, já que, como provam os engenhosos ensaios que seguem, se dedica a ler incansavelmente, pesquisar a respeito da produção literária de sua época, dos anos anteriores, dos clássicos, ler críticas, e pensar criticamente sobre o fazer literário num universo ainda bastante dominado pelas vozes masculinas. Woolf é, de fato, mais que uma romancista, ensaísta, escritora. Sua profissão é a literatura, algo maior, mais complexo, terreno onde encontra resistência e dificuldades reais, onde se coloca na linha de frente para defender a qualidade e a necessidade da escrita das mulheres.

É também neste primeiro ensaio que a autora expõe as dificuldades de seu ofício. Ela afirma que, embora a escrita seja um trabalho de baixo custo (onde não se demandavam viagens, mestres, ou instrumentos caros, como um piano por exemplo), nela se dá um dos maiores conflitos morais e de gênero que se pode imaginar, até mesmo em nossos dias. Woolf personifica essa problemática na figura do “Anjo do lar”; entidade que habitava todos os lares “naqueles dias – os últimos dias da rainha Vitória”. O Anjo do Lar, Woolf explica, nos diz que devemos ser amáveis, afáveis, doces, meigas, tanto na vida, quanto na

escrita – especialmente se formos escrever a respeito de um livro escrito por um homem. Ela nos conta que matou o “Anjo” por estrangulamento e se sente no direito de alegar legítima defesa. Autonomamente liberta dessas expectativas sobre o seu gênero, é que Virginia Woolf é livre para escrever, criar, mostrar sua opinião própria. Esse é o preâmbulo escolhido por Woolf para apresentar àquelas mulheres que, se a literatura é a profissão mais livre que se pode pensar, como medir as dificuldades das profissões a que tantas daquelas mulheres se dedicavam pela primeira vez? Mas ela fecha o discurso com uma bela lição empoderadora, onde lembra que aquelas mulheres, agora com independência financeira, podem exercer sua liberdade no âmbito doméstico e decidir em que termos querem vivê-la; liberdade essa, que ainda não havia sido alcançada pelas mulheres até aquele momento.

Um outro texto marcante dentro da temática trabalhista, é um dos últimos ensaios do livro, intitulado “Memórias de uma União das Trabalhadoras”, em que Woolf, convidada a escrever a introdução para um livro da Cooperativa de Trabalhadoras, opta por escrever-lhes uma carta, repleta de memórias significativas em que pontua como as mulheres se organizaram dentro da União, e criaram ali um espaço para a escrita criativa, leitura coletiva, discussões críticas e além de tudo, um lugar onde podiam se sentir apoiadas umas pelas outras. A criação da União em 1883, que começou com 7 membros, deu àquelas mulheres a esperança de um mundo mais socialmente justo; onde pensavam maneiras de “remodelar suas vidas”.

A contribuição da autora, ao trazer ao longo do livro seu tom marcadamente defensor das mulheres, de seu intelecto, sua capacidade criativa, sua força biológica e de trabalho, a coloca também como uma das que emblematicamente representavam a criação de uma “União”, mas no nível literário-filosófico. Woolf representa não apenas um memorável talento literário entre as mulheres do século XIX, mas uma teórica e crítica extremamente envolvida com a dignificação das mulheres e engrandecimento dos seus saberes e criatividade. As mulheres escritoras eram aquelas observadoras “da riqueza do cenário humano”, aquelas que “têm dado luz a toda a população do universo”, e embora reconhecida essa importância quase mística, “elas escreviam, mas livros profundamente influenciados pelo ângulo de onde eram obrigadas a olhar o mundo”. Para Woolf, este ângulo de olhar, esta sabedoria do corpo, este contato com o inerentemente humano não deixam nada a desejar em relação aos

narradores masculinos dominantes, viajados, cheios de si, descrentes do talento feminino. A escrita, a expressão e a voz que vem com ela, não eram mera ferramenta para a conquista da liberdade, mas o meio para aprender a amá-la. Uma tradução, portanto, fundamental para leitoras e leitores da atualidade.